

MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO E PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Alice Áurea Penteado Martha (UEM)

O crescimento do mercado no segmento infantil e juvenil da literatura no Brasil tem sido visto como astronômico, pois, se no início da década de 70 ele representava 8% da tiragem dos lançamentos, trinta anos depois, o número de exemplares vendidos já corresponde a 25% do mercado, com expectativa de crescer sempre mais. O aumento de publicações na área tem sido justificado não só pelos investimentos das editoras e livrarias, ou seja, pelo cuidado editorial e mercadológico, mas também por maciços investimentos do Governo Federal, que, em 2001, por exemplo, adquiriu 60 milhões de livros para crianças e jovens, promovendo, dessa forma, a duplicação da produção anual que costumava ser algo em torno de 30 milhões. Em 2005, segundo dados do PNBE, escolas com 151 a 700 alunos receberam dois acervos, com 20 títulos cada, o que pode ter significado um total de 3.575.160 livros, de diferentes gêneros e níveis de dificuldade.

Entretanto, pesquisadores da UFRJ¹, apontando inúmeros problemas no setor, além do alto custo do livro no Brasil, citam queda de 51% nas aquisições do governo, no período de 1995 a 2004. Segundo dados da pesquisa, o governo compra menos e a preços menores: em 1995, comprou 130 milhões de livros, num total de R\$ 1.261.000,00; em 2004, 135 milhões de livros e gastou 529.000,00. Em 1995, pagou R\$ 9,70 o exemplar, em 2004, R\$ 3,92.

Outros estudiosos da questão pedem cautela com a euforia, pois observam que, com exceção dos momentos de feiras e festas literárias, o clima é de estagnação. Além disso, consideram nociva a dependência ao governo e creditam certo alento ao mercado ao bom trabalho de incentivo da leitura nas escolas e outros setores.

Quanto à produção infanto-juvenil contemporânea, ainda que, em muitos casos, seja difícil estabelecer a faixa etária a que se destinam os textos, no que se refere às publicações dos dois últimos anos, destacamos para crianças, entre outras, *João por um fio* (Cia. das Letrinhas, 2005), de Roger Mello; *Desertos* (Objetiva, 2006), de Roseana Murray; *Álbum de família* (Edições SM, 2005), de Lino de Albergaria; *Cacoete* (Ática, 2005) e *Felpe Filva* (Moderna, 2006), ambas de Eva Furnari, *Murucutu, a coruja grande* (Ática, 2005), de Marcos Bagno; *Um garoto chamado Rorbeto* (Cosacnaify, 2005), de Gabriel o Pensador e *O menino, o cachorro* (Manati, 2006), de Simone Bibian, *O livro dos pontos de vista* (Ática, 2006), de Ricardo Azevedo; para os jovens,

¹ Pesquisa realizada por Fábio Sá Earp e George Kornis entre maio e novembro de 2004, com dados de 1995 a 2004. Grupo de Pesquisa em Economia do Entretenimento da UFRJ. Ver www.cultura.gov.br/projetos.

Lis no peito: um livro que pede perdão (Biruta, 2005), de Jorge Miguel Marinho, *Pena de ganso* (DCL, 2005), de Nilma Lacerda, *Heroísmo de Quixote* (Rocco, 2005), de Paula Mastroberti, *O dia em que Felipe sumiu* (Cosacnaify, 2005), de Milu Leite, *Bicho solto* (Objetiva, 2005), de Ivan Sant'Anna, *O rapaz que não era de Liverpool* (Edições SM, 2006), de Caio Ritter, *Hermes, o motoboy* (Cia. das Letras, 2006), de Ilan Brenman e Fernando Vilela, *Aula de inglês* e *Sapato de salto*, ambos de Lygia Bojunga (Casa Lygia Bojunga, 2006), *O melhor time do mundo* (Cosacnaify, 2006), de Jorge Viveiros de Castro, entre outros. Na categoria denominada *reconto*, inscrevemos *Contos de bichos do mato* (Ática, 2005) e *Contos de espanto e alumbramento* (Scipione, 2005) e *Contos de enganar a morte* (Ática, 2003), todos de Ricardo Azevedo; *Contos de encantos, sedução e outros quebrantos* (Bertrand Brasil, 2005) e *Os gêmeos do tambor* (DCL, 2006), de Rogério Andrade Barbosa, *A mãe d'água: uma lenda do mar* (DCL, 2005), de Lenice Gomes; *O cavaleiro dos sonhos: as aventuras e desventuras de D. Quixote de La Mancha* (Mercúrio Jovem, 2005), resultado de parceria entre texto de Ana Maria Machado e os cartões de Candido Portinari. Finalmente, *Lampião & Lancelote* (Cosacnaify, 2006), de Fernando Vilela, narrativa poética, texto híbrido, fusão de cores e luzes que encanta crianças, jovens e adultos.

A produção para crianças

Com história e desenhos de Eva Furnari, *Cacoete* narra como a Bruxa Núrcia mudou atitudes e comportamentos repetitivos de toda uma cidade e seus habitantes, depois de um erro do garoto Frido, que, equivocadamente, a procurara para comprar a maçã com a qual desejava homenagear a professora, já que a fruta desaparecera do comércio local, no dia dedicado aos mestres.

O “modo especial de organização” da cidade, no entanto, é objeto de crítica do narrador desde as primeiras linhas do texto, pois, ao descrevê-lo, justifica seu nome: *cacoete* significa a repetição de movimentos ou contrações, o que indica, preliminar e alegoricamente, a ausência de diferenças, pressuposto fundamental da criatividade, inexistente na cidade Cacoete.

Cacoete era uma cidade pequena. Tinha 187 habitantes. Todos eram muito, muito organizados. Mas sua organização tinha um jeito diferente, especial. Um jeito que só existia lá em Cacoete. (FURNARI, 2005, p.3)

Só em Joanete, cidade vizinha, Frido consegue a maçã, mas a fruta se estraga durante os quinze dias de espera pela comemoração do dia dos professores. Com a indicação de que havia uma senhora que fazia tortas de maçã, o garoto chega até Núrcia, a bruxa. Compra a fruta, mas não se contém e a devora. Ao retornar à casa da estranha velha, ele “faz sua própria mágica”, transformando o que tinha em mãos em

diferentes e esquisitas maçãs. Mas esse contato com a diferença irrita o menino que, para se acalmar, organiza a casa de Núrcia, acabando com a desordem reinante: [...] *Frido foi arrumando a bagunça da sala. É que, como bom cacoeteco que era, ele se acalmava arrumando coisas.* (IDEM, idem, p.16). Consegue finalmente, a partir de um nariz de palhaço, a fruta perfeita.

A arrumação da casa, entretanto, provoca a ira da bruxa que o persegue e, ele, desnorteado, volta à casa mal assombrada. Enfeitiçado por Núrcia, Frido *ficou num estado lamentável. Brotaram flores nos dedos das mãos e ele falava pelo pé. Ou seria pelo sapato. Era efeito dos raios desorganizadores.* (IDEM, idem, p.21). O garoto, então, *todo bagunçado*, para reverter a situação, provoca o orgulho da bruxa, dizendo-lhe que *desorganizar era fácil. O que eu quero ver é a senhora organizar!* Evidentemente, a bruxa o reorganiza, exceto por um detalhe: os cabelos continuam eriçados com a descarga elétrica dos raios enviados pela bruxa. Ele atira a maçã bem no nariz dela, enfeitiçando-a. Divertidamente enfeitiçada, a bruxa vai transformando tudo pelo caminho: casa, gente, bicho:

Alguns dias depois eles perceberam que o ensino escolar também tinha sido afetado pelas magias. A matemática ficou cheia de problemas. Em vez de multiplicar e dividir, agora se desmultiplicava e duvidava. Os números não eram mais inteiros, eram despedaçados. (IDEM, idem, p.28)

Após o inesperado acontecimento, as mulheres que só usavam vestidos de bolinhas e os homens que trajavam apenas camisas brancas e calças xadrez passam a se vestir cada qual a seu modo. Também o ensino escolar se altera, os objetos perdem suas habituais funções: a panela de pressão passa a tocar música e a escova de cabelos despenteia. As ruas da cidade, antes ordenadas, tornam-se sinuosas e desorganizadas.

Felpe Filva, também de Eva Furnari, é uma narrativa simples que mostra toda sua complexidade no modo de organização. No plano do narrado, conta a história do coelho escritor e suas brigas por correspondência com Charlô, com quem acaba se casando. No plano da narração, temos à disposição variada tipologia textual, o que equivale dizer que, além dos diversos tipos de texto, poemas, fábulas, cartas, manuais e receitas, o leitor também se depara com, pelo menos, três vozes diferentes: o narrador em terceira pessoa, fora do relato, conta a história de Felpe; a voz do próprio coelho e a de Charlô, ambas contidas na correspondência trocada entre eles. Essa mudança de nível estabelece um jogo de vozes que enriquece a narrativa e permite ao leitor ver os fatos sob óticas variadas.

No que se refere às imagens, em ambos os textos, o trabalho de Furnari é impecável: delicado, sem deixar de valorizar o bom humor dos traços, está em sintonia com a qualidade da linguagem verbal. A composição das narrativas alterna-se, valendo-

se de recursos diferentes o tempo todo: ora se configuram como textos em quadrinhos, com balões para os diálogos, ora como textos verbais simplesmente. O trabalho com a ilustração, primoroso, mostra-se compatível com os projetos gráficos dos livros e com a qualidade dos textos, revelando a presença de Eva Furnari em todos os detalhes.

João por um fio (Cia das Letrinhas, 2005), de Roger Mello, é um livro de arte, pela qualidade do texto e, sobretudo, pelo projeto editorial como um todo. Elaborado em três cores fortes - vermelho, branco e preto –, a partir de desenhos de rendas, tramas universais de beleza, que tanto podem ser do Lago Titicaca, origem das crianças às quais o livro é dedicado, como brasileiras, portuguesas ou de qualquer outro lugar do mundo, o texto propicia o enredamento dos leitores em teias de traços, cores, formas e palavras. Trata do processo criativo: do sonho, entre as tramas da fantástica colcha, à fatura do texto, linha e palavra transformam-se em arte: “João sem sono não sabe dormir descoberto./ No meio do vazio viu palavras espalhadas pelo chão / Costurou palavras como retalhos numa colcha./ Enquanto costura, João inventa uma cantiga de ninar.” (MELLO, 2005, s/n).

A delicadeza do conjunto em *Desertos*, de Roseana Murray, com ilustrações de Roger Mello (Objetiva, 2006), também cativa o leitor imediatamente. Não é possível dizer se é o texto se é a ilustração, pois os desenhos do caderno da viagem pelo deserto, de Roger Mello, encontraram sua outra metade nos versos de Roseana Murray. Traços e versos materializam sensorialmente o deserto para o leitor, em formas, cores, cheiros e gostos: “a palavra especiaria/ao ser pronunciada/enche a boca de sabores/longínquos,/acorda cheiros remotos/de aldeias perdidas no Oriente, traz aos olhos e aos ouvidos/caravanas e mercadores”. (MURRAY, 2006, s/n.)

A narrativa *Um garoto chamado Rorbeto* (Cosacnaify, 2005), Prêmio Jabuti 2006, de Gabriel o Pensador, toda em versos e no ritmo do *rap*, relata a história de um garoto, chamado Rorbeto, que descobre, quando aprende a contar, que tem seis dedos em uma das mãos e sente vergonha desse aspecto físico diferente. Um dia, no entanto, quando a professora faz um elogio a sua letra bonita, passa a ser invejado por seus colegas, pois os garotos acreditam que é em razão desse dedo a mais que ele tem a mais bela caligrafia da classe. Além da diferença no que se refere à questão física, a narrativa aborda também problemas sociais, como o acesso ao saber e à escola por classes menos favorecidas, sem forçar a nota de modo piegas ou ideológico. O pai do menino, analfabeto, não soube soletrar corretamente o nome que pretendia dar ao filho, o que explica a presença de uma letra “fora do lugar”: *RoRbeto*.

A linguagem utilizada é bastante próxima do universo infantil e conduz a leitura com um ritmo bem marcado, graças aos jogos rítmicos que evocam o *rap*: frases curtas e as palavras de fácil compreensão, aspectos presentes nas letras de músicas do autor.

O projeto gráfico e a ilustração de Daniel Bueno também merecem destaque; a cada página virada, nos surpreendemos com as ilustrações e imagens, que, em cores vivas, utilizam desde recortes de manuais de física a trechos de *Chapeuzinho Amarelo*,

de Chico Buarque. O projeto, extremamente inovador, contempla ilustrações que contam a história ao lado da linguagem verbal e acompanham o desenrolar da fábula: no momento em que o menino está na escola, surge na página uma folha de caderno; quando descobre seu sexto dedo, lá está o desenho de sua mão com um rosto representando cada pessoa de que Rorbetto lembrou para contar até cinco... até seis: "Contou, só na sua mão direita, / Os pais, o cachorro e mais três. / Contou do dedão ao dedinho: / um, dois, três, quatro, cinco, / SEIS!

A produção para jovens

Com a técnica de superposição temporal, a narrativa de Nilma Lacerda, *Pena de Ganso* (DCL, 2005), relata no passado, na primeira parte, a história de Aurora, menina que sonha em aprender a ler e escrever, mas é impedida pela família, pois, à época, segundo a visão de seus pais, meninas não freqüentavam a escola. Inconformada com a situação, tenta revertê-la com a ajuda do garoto vizinho, que lhe cobra as parcas lições de escrita com o acesso ao livro de ciências do irmão. Com penas de gansos do quintal e restos de tinta, consegue escrever poucas sílabas, mas o plano é descoberto pelos pais do garoto e as visitas são encerradas de modo cruel para a garota. Entretanto, o desejo de aprender de Aurora acorda na mãe do vizinho sentimentos perdidos na juventude e ela termina o casamento infeliz com o marido autoritário e consegue manter-se, depois, como articulista de revista feminina. Na segunda parte, a narrativa ocorre no tempo presente, narrada em primeira pessoa, pela sobrinha escritora de Aurora e recupera a história da tia, que sempre a impressionara por sua rigidez e *secura*:

Aurora, nome bonito, um tanto fora de moda nos dias de hoje, mas alegre e cheio de promessas. O rosto de minha tia não mostrava promessa, futuro ou beleza. Não era bonita e não fazia nenhum esforço para se enfeitar. Tinha as pernas cabeludíssimas, cabelo rebelde e pele ressecada. A voz era áspera, sem açúcar nem afeto. Também nunca ouvi ninguém que a chamasse de querida. (LACERDA, 2005, p. 116)

Narrativa sensível e delicada, *Pena de ganso* discute, a partir de questões relativas à afirmação da identidade feminina, a luta travada pela garota pelo direito ao conhecimento, o papel da escrita no processo de resignificação da identidade de Aurora. A narradora recebe e caixa de papelão onde, antes de morrer, a tia deixara registrado o reconhecimento de sua condição:

Levantei a tampa com um cuidado especial. Dentro estavam umas letras bordadas em ponto de cruz, uma pena de ganso, uma tira de papelão

escuro, escrito em letra de forma e maiúsculas: EU SOU AURORA. (IDEM, idem, p.138)

Nas produções de Lygia Bojunga, a abordagem de temas controvertidos não se mostra exatamente como novidade, mas, em *Sapato de salto* (Casa Lygia Bojunga, 2006), surpreende o fato de vários conflitos serem abordados em uma única narrativa, em discurso marcado, ao mesmo tempo, por veemência e coragem, sensibilidade e cuidado estético. Sabrina, a garota de onze anos, deixada no abrigo pela mãe antes de cometer suicídio, é levada a uma casa de família para cuidar de crianças. Ali, vítima de abuso sexual e do ódio da mulher, continua a saga de infortúnios; ao ser resgatada pela tia, convive com a avó, cuja mente, esfacelada pelas asperezas de uma vida de dificuldades e sofrimentos, a retém em um mundo imaginário, repleto de varais nos quais pendura os motivos de sua loucura. Apesar dos problemas, a menina sente-se feliz na casa da família, até que a tia é assassinada sob seus olhos; a partir daí, a sobrevivência a empurra para a trilha mostrada pelo ex-patrão já que, nos últimos encontros, no quarto, já não lhe dava presentes, mas “um dinheirinho”. Assim, Sabrina resolve sua fome no dia-a-dia com encontros fortuitos com o açougueiro, no capinzal às margens do rio, local onde o garoto por quem a menina se encanta desde o início, também mantém encontros amorosos com um rapaz mais velho. Depois de tantos infortúnios, Sabrina e a avó são adotadas pela mãe do amigo adolescente.

Marcelo, o narrador em *O garoto que não era de Liverpool* (SM, 2006), de Caio Ritter, relata as emoções da descoberta de sua adoção. Sentimentos de raiva e frustrações de toda ordem tomam conta do íntimo do garoto que amava os Beatles e a família acima de todas as coisas. Até que... por causa de ervilhas e da Lei de Mendel, descobre na aula de biologia que, como não tem olhos azuis como todos em casa, só pode ser adotado.

A solução é o afastamento da família e procurar dentro de si mesmo as raízes da identidade perdida. A partir daí, com o recurso da primeira pessoa, do discurso indireto-livre e muita leitura de poesia, o narrador escava e depura suas emoções, encerrando, finalmente, um pedaço de sua história para a gênese de uma nova, agora escrita por ele:

Não me importa mais que eles tenham olhos azuis. Nem que a namorada do meu pai fique sem ele mais um fim de semana. Ou que ervilhas amarelas só produzam ervilhas amarelas.

Mendel que se exploda com suas leis.

Somos cinco. (RITTER, 2006, p.127)

Histórias recontadas

Com narrativas de caráter popular, o livro *Contos de enganar a morte* (Ática, 2003), de Ricardo Azevedo, traz quatro histórias que contam as peripécias vividas pelos heróis que não querem morrer e os truques de que se valem para escapar da indesejada das gentes. A estrutura narrativa é marcada pela repetição, recurso usual no gênero cômico: as personagens enredam-se em problemas cotidianos, enfrentando toda sorte de dificuldades, como a miséria, o excesso de filhos e a doença: o sétimo filho do homem miserável vai nascer e não há quem o queira batizar; o ferreiro que, embora trabalhasse o tempo todo, não tinha um tostão; o jovem em busca de um lugar onde a morte não existisse; o malandro pobre e sem perspectiva de melhorar de vida. A repetição de situações, ou, mais exatamente, a combinação de circunstâncias que se repetem seguidamente, provocando a sensação de rigidez mecânica, em contraste com a mobilidade da vida, pode ser observada, praticamente, em todos os contos que compõem o livro, configurando a presença do cômico em suas estruturas narrativas. As personagens das narrativas apresentam marcas comuns, como a carência e a pobreza, além daquela que, sob o ponto de vista da sociedade, pode ser considerado como *defeito*², o medo da morte. Mas é verdade também que, nas narrativas em questão, o homem não é poupado, pois a morte consegue sempre seu intento, apesar das ações que buscam burlar seus objetivos e movimentam o enredo, garantindo a diversão dos leitores.

Rogério Andrade Barbosa também reconhece a importância da inserção de temas oriundos da cultura popular, na literatura para crianças e jovens. No livro *Contos de encanto, seduções e outros quebrantos* (Bertrand Brasil, 2005), as narrativas recuperam “causos” de figuras que compõem o rol de credices brasileiras, cujas origens se perdem no seio da cultura africana e da portuguesa, principalmente. Assim é que surgem de suas páginas, na primeira parte, seres como a “Matintaperera”, o “Boto” e sua correspondente feminina, a “Bota” bem como a assustadora e violenta “Quem-te-Dera”; na segunda, os “Lobisomens”, “almas penadas” e “bruxas” do imaginário popular, personagens de histórias tenebrosas, saltam de aventuras fantásticas para o colo do leitor.

Resgatando a estrutura das narrativas orais, os contos se marcam por aspectos característicos da organização desse tipo de relato. As situações mostram, de modo recorrente, personagens incrédulas, geralmente, oriundas de ambiente mais culto, ou com maior formação escolar, em contato com a credice do sertão, da floresta ou de rincões afastados dos grandes centros, e se transformam em vítimas preferenciais de estranhos seres. Além de temas relativos ao medo e suas diversas formas de manifestação, observamos que, ao recontar os contos populares, o autor não escamoteia seus elementos sexuais, sempre presentes na tradição popular, seja na

² O termo remete-nos à citação: *No que se refere à caracterização das personagens, o cômico decorre da possibilidade de seus defeitos, deformidades ou diferenças, causarem, ou não, compaixão no espírito dos leitores* (PROPP, 1992).

história de botos, seja no relato da mulher forte que domina os homens para com eles gerar filhos. A ambientação das narrativas mantém padrões do conto popular, pois os fatos ocorrem em locais de difícil acesso, marcados pela indeterminação e as indicações temporais também configuram um “tempo de lenda”, com valor mágico, cujos avanços e recuos transpõem os efeitos cronológicos.

Em ambos os escritores, a recuperação da tradição popular na produção para crianças e jovens resulta em uma literatura capaz de seduzir seus leitores, propondo-lhes, ao mesmo tempo, a reflexão sobre suas origens e tradições, de modo a resgatar, no passado da cultura, sua participação nas manifestações do presente. Como as narrativas apresentadas plasmam, desde tempos imemoriais, sempre com humor e irreverência, sensações, medos e desejos experimentados pelos seres humanos, podem ser consideradas valiosas contribuições para a abordagem de questões fundamentais pelos leitores, de qualquer idade ou condição social.

Se nos textos de Ricardo Azevedo e Rogério Andrade Barbosa, o reconto é feito pelo viés popular, Ana Maria Machado, ao recontar *D. Quixote*, com ilustrações de Candido Portinari, em *O cavaleiro do sonho* (Mercúrio Jovem, 2005), o faz a partir do cânone, evidenciando, certamente entre outras, duas leituras: do texto de Cervantes (1605) e dos cartões da série *Quixote*, de Portinari. Sob essa ótica, a elaboração o texto pressupõe modos diferenciados de percepção e atualização da narrativa primeira, um verbal e outro não verbal, apresentando, no entrelaçamento de visões, um olhar singular sobre o texto do escritor espanhol. Com linguagem acessível, permite que novos leitores atualizem a narrativa de Cervantes, agregando a ela perfil jovem e, com certeza, novos leitores.

O projeto editorial do livro, explosão de cores e formas, não recorre apenas às ilustrações da obra de Cervantes, propostas por Portinari; lança mão também de páginas em cores vibrantes, referência obrigatória à alegria da produção do artista brasileiro.

Já *Lampião & Lancelote* (Cosacnaify, 2006), de Fernando Vilela, brinda o leitor, com projeto editorial de extrema felicidade, um texto de rara beleza, que funde mundos mágicos em uma mesma narrativa poética, revelando as raízes semelhantes da novela de cavalaria e do cordel nordestino brasileiro, o clássico e o popular: Lancelote e Lampião, homens de prata e bronze, encontram-se no mesmo espaço mítico da atualização literária.

Dividida em quatro partes, a narrativa apresenta, na primeira, os heróis: “Agora vou lhes dizer/Este homem é tão forte/Que mesmo em fogo cruzado/Com o cavalo no pinote/Levanta a cabeça e luta/Espalha bravura arguta/O seu nome é Lancelote.” [...] Com este bando temido/Atirava igual canhão/Com seu rifle poderoso/Tornava a noite um clarão/Por isso todo orgulhoso/Se chamou Lampião.” (VILELA, 2006, s/n); na segunda, narra a travessia de Lancelote, a passagem do cavaleiro medieval do mundo prata para a caatinga acobreada do nordeste brasileiro, enfeitado por Morgana:

Após passar pela densa nuvem, Lancelote descobriu-se em um lugar nunca visto. O calor do sol era tão forte que sua armadura branca de parta parecia antecipar-lhe as chamas do inferno. Mesmo assustado com a paisagem desértica, Lancelote continuou cavalgando. Em curto lapso de tempo, percebeu que a irascível feiticeira Morgana o havia lançado numa cruel armadilha. (IDEM, idem, s/n)

Na terceira parte, o duelo, inicialmente verbal, transforma-se em batalha cruenta: “Cavaleiros da Europa/Contra cabras do sertão/Era lança flecha espada/Espingarda e facão/Muita armadura quebrada/Muita peixeira na mão.” (IDEM, idem, s/n); por fim, na quarta parte, a interação entre os dois mundos: Lampião vestido com a armadura e Lancelote com o uniforme do cangaço. Tudo se resolve com um incrível forró:

Foi então que Lampião
Arriscou dançar *gavotte*
Pisou o pé de Guinevere
Quase deu nela um capote
Se sentiu medieval
Até que não se saiu mal
Misturou *estampie* com xote

Percival toca sanfona
E Corisco violino
Maria Bonita requebra
De sapato bico fino
Lancelote rodopia
Lampião vira menino (IDEM, idem, s/n)

É importante ressaltar a integração entre registros lingüísticos e literários do período medieval e do cordel brasileiro. Na parte dedicada ao cavaleiro Lancelote, o recurso é a setilha (sete versos de sete sílabas) com rimas em ABCBDDB; quando se refere ao mundo de Lampião, a métrica é a tradicional do cordel nordestino: estrofes de seis versos com sete sílabas (setilha heptassilábica) e rimas ABCBDB. No momento da travessia de Lancelote para o mundo de Lampião, a narrativa apresenta termos e estrutura das novelas de cavalaria.

A riqueza das ilustrações se deve ao entrelaçamento dos universos de imagens: as iluminuras medievais e as xilogravuras e fotografias da época do cangaço. As cores metálicas e brilhantes, com o auxílio das técnicas já apontadas, além de promover a interação entre dois universos, o medieval e o do cangaço, conferem grandiosidade e

vigor às imagens e possibilitam a entrada do leitor nesses mundos paralelos de homens de cobre e prata.

Em síntese

Com este texto pretendemos divulgar, a partir do panorama atual da produção literária infanto-juvenil brasileira, correntes e temas que traduzem não só a inserção da literatura para crianças e jovens no quadro histórico-estético da cultura nacional, mas também as múltiplas faces do mercado editorial, sempre crescente, com o objetivo de apontar as frentes abertas por esse mercado para a leitura de seu público-alvo, crianças e jovens, bem como para pesquisadores, pais e professores. O *corpus* do trabalho, composto de narrativas e textos considerados *recontos* ou oriundos das tradições populares, todas de alguma forma premiadas ou recomendadas por instituições como FNLIJ e CBL (Prêmio Jabuti) não esgota o assunto, em razão tanto do grande número como da diversidade de publicações.

Inúmeras outras obras poderiam ter sido arroladas, no entanto, como optamos por imprimir a este texto caráter de divulgação e, em razão dos limites estabelecidos, selecionamos para nossos comentários apenas algumas das muitas narrativas dadas a conhecer nos últimos anos.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. *Contos de enganar a morte*. São Paulo: Ática, 2003.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Contos de encantos, seduções e outros quebrantos*. Ilustrações de Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOJUNGA, Lygia. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.
- FURNARI, Eva. *Cacoete*. São Paulo: Ática, 2005.
- FURNARI, Eva. *Felpe Filva*. São Paulo: Moderna, 2006.
- LACERDA, Nilma. *Pena de ganso*. Ilustrações de Rui de Oliveira. São Paulo: DCL, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. *O cavaleiro do sonho: as aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha*. Ana Maria Machado & Candido Portinari. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005.
- MELLO, Roger. *João por um fio*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2005.
- MURRAY, Roseana. *Desertos*. Ilustrações de Roger Mello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- O PENSADOR, Gabriel. *Um garoto chamado Rorbeto*. Ilustrações de Daniel Bueno. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RITER, Caio. *O rapaz que não era de Liverpool*. São Paulo: Edições SM, 2006.
VILELA, Fernando. *Lampião & Lancelote*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.